
OS JOVENS PORTUGUESES FACE A UNIFICAÇÃO
DA EUROPA

— UMA ABORDAGEM PSICO CULTURAL —

José António Sequeira Carvalho

OS JOVENS PORTUGUESES FACE À UNIFICAÇÃO DA EUROPA (*)

— UMA ABORDAGEM PSICOCULTURAL —

SUMÁRIO

DESENVOLVER PORTUGAL NA COMUNIDADE: UMA MISSÃO PARA OS JOVENS PORTUGUESES

- I) *A necessária consciência do desafio do desenvolvimento*
- II) *Criar em Portugal pólos de desenvolvimento cultural e económico*
- III) *A falência competitiva do nosso turismo: um exemplo significativo*
- IV) *Uma linha de rumo que passa por um reencontro da dimensão universal da nossa História*

INTRODUÇÃO

O Tratado de Roma não contém nenhuma referência explícita quer à Educação, quer aos jovens.

O Acto Único também não insere nenhuma referência assinalável aos problemas da Educação e dos jovens.

Todavia, a realização do Mercado Interno tem implicações profundas para os cidadãos comunitários, nomeadamente para os jovens.

A realização do Mercado Interno através das suas múltiplas dimensões está já a suscitar e irá certamente suscitar ainda mais no futuro inúmeros problemas de formação escolar e profissional determinados pela reestruturação das economias nacionais e dos sectores económicos.

A consciência da importância deste fenómeno levou a Comunidade a aprovar uma série de programas orientados para a resolução de problemas de formação dos jovens europeus no contexto da construção da Europa.

Citemos alguns que serão apresentados no decurso destas jornadas: ERASMUS, COMETT, EUROTECNET, EURYDICE, LÍNGUA, YES PARA A EUROPA, etc.

(*) Comunicação apresentada no Colóquio organizado pelo Centro de Estudos e Documentação Europeia do Instituto Superior de Economia sobre: *Os Jovens na Construção da Europa*, Lisboa, 14 e 15 de Junho de 1989 — Fórum Picoas.

A importância e as potencialidades destes programas para os jovens portugueses é bastante grande, transcendendo mesmo as que estes mesmos programas facultam aos jovens dos outros países da Comunidade, pois não nos podemos esquecer que somos um País subdesenvolvido e periférico no contexto europeu.

A nossa participação nos programas de formação e de circulação de jovens no espaço comunitário poderá constituir um poderoso factor de ultrapassagem do nosso subdesenvolvimento cultural e dos efeitos psicológicos negativos da nossa situação de periferia territorial.

Quando eu ainda era jovem, viajar e estudar na Europa constituía um sonho quase irrealizável, uma aventura quase intransponível.

Hoje, graças aos programas comunitários, viajar e estudar na Europa é já mais facilmente realizável para os jovens da geração actual.

As viagens e a possibilidade de estudar na Europa oferecem possibilidades de formação profissional e cultural de grande alcance para os jovens portugueses, o que constitui, no contexto actual, um importante factor de competitividade e de reforço económico, social, cultural e mesmo político para um país como Portugal.

Face a estas oportunidades o que é que nós todos, professores, alunos e funcionários portugueses temos de fazer! Aproveitar as oportunidades que os programas comunitários nos oferecem e participar dum modo inteligente e organizado nos referidos programas.

Os efeitos psicológicos e culturais dessa participação serão certamente bastante favoráveis para todos; todavia a nossa participação no amplo movimento da construção da Europa coloca-nos um conjunto de problemas fundamentais, cujos efeitos transcendem o âmbito restrito da referida participação nos programas para os jovens da Comunidade Europeia e sobre os quais há que reflectir duma maneira séria e aprofundada.

Vou tentar aproveitar a oportunidade da minha intervenção para partilhar algumas opiniões, necessariamente pessoais e parciais e expressas dum modo unicamente qualitativo, sobre uma problemática que considero da maior importância: *a participação dos jovens no desenvolvimento do nosso país no seio da Comunidade*. Assim, intitulei a minha intervenção:

DESENVOLVER PORTUGAL NA COMUNIDADE: UMA MISSÃO PARA OS JOVENS PORTUGUESES

1) A necessária consciência do desafio do desenvolvimento

Como os precedentes oradores puseram em evidência, a nossa integração na CEE veio oferecer novas oportunidades para os jovens portugueses em termos de realização pessoal e profissional, de possibilidades de circulação no espaço comunitário, formação e de melhoria da qualidade de vida.

Contudo, como tem sido igualmente referido, a nossa integração na CEE coloca aos jovens portugueses, enquanto cidadãos responsáveis, um imenso desafio: o desafio do desenvolvimento para um País que está na cauda da Europa em termos de nível de vida e de oportunidades culturais.

Sobre esta matéria o discurso económico é regularmente repetido com o rigor dos diagnósticos e a evidência dos números.

Mostrando-nos, em suma, que temos de melhorar os nossos níveis de desenvolvimento e de ser competitivos numa Europa sem fronteiras e aberta aos ventos da concorrência mundial.

Todavia, como nos evidencia a realidade prática da vida económica concreta, e da dinâmica dos negócios, no mundo actual, o paradigma economicista, apesar de necessário para a realização das análises e a tomada das decisões, não é suficiente para explicar a realidade profunda das estruturas socioeconómicas e a dinâmica dos complexos sistemas sociotécnicos das sociedades actuais.

E vocês jovens, com o vosso entusiasmo ainda puro e sincrético, com a vossa generosidade criativa e impaciente e o vosso espontâneo sentido crítico podem compreender facilmente que para construir o Portugal do futuro, que para melhorarmos a nossa posição competitiva na Europa de hoje e no mundo actual, precisamos alargar o campo de visão e de intelecção dos nossos esquemas mentais e dos nossos paradigmas intelectuais.

O que corresponde, em suma, à exigência de um desenvolvimento cultural e à necessária mutação dos sistemas de valores e atitudes actuais de um povo desde sempre criativo, aberto, e universalista, mas ao qual a inquisição, enquanto fenómeno histórico de efeitos avassaladoramente negativos para o País e a mesquinhez dos autoritarismos e oportunismos provin-

cianos que, enquanto figuras psicoculturais, infelizmente caracterizaram os comportamentos e as mentalidades das nossas elites nos últimos séculos, cercearam e apagaram as principais dimensões psíquicas do próprio génio nacional: a abertura, a criatividade, e o espírito universalista e a capacidade de adaptação.

Autoritarismos provincianos e oportunismos de vistas curtas que, enquanto modos de acção social, num contexto envolvente de subdesenvolvimento cultural, contribuíram para tornar Portugal, um povo que foi de descobridores, de aventureiros corajosos e criativos, numa sociedade fechada, automarginalizada, insegura e pobre.

Face aos desafios do mundo actual e, mais especificamente, face aos desafios que a realização do Grande Mercado Interno colocam à sociedade portuguesa é necessário que a sua juventude reassuma e aplique as grandes qualidades do génio português: espírito de abertura, universalismo, coragem, criatividade, tenacidade, força anímica e sentido crítico.

É necessário que o povo português se torne de novo um povo de descobridores e de estrategos ao nível planetário.

Caso contrário, face à dinâmica concorrencial do mercado interno e da concorrência mundial arriscamo-nos a tornar-mo-nos a médio prazo uma quase província de Espanha e, ainda para mais, a mais distanciada dos Centros decisoriais e dos pólos de riqueza europeus.

II) *Criar em Portugal pólos de desenvolvimento cultural e económico*

Para sobrevivermos na Europa de hoje com um peso e uma substância económicos, políticos e culturais próprios, temos de *criar*, em Portugal, e serei tentado a dizer recriar, face às lições da nossa história, *pólos económicos e culturais de nível e competitividade mundial.*

Em meu entender a criação destes pólos económico-culturais passa mais por alterações psicoculturais no comportamento dos nossos decisores e agentes económicos e culturais do que pela exploração de vistas curtas de pseudo e ultrapassadas vantagens comparativas estruturais fundadas na miséria económica e no baixo nível de vida.

Como nos mostram os exemplos dos êxitos, quer dos grandes pólos culturais tradicionais da Europa, quer mesmo dos modernos «Tecnopólos» que actualmente estão a proliferar por toda a Europa, América ou Japão, o

factor fundamental de êxito reside no desenvolvimento intelectual e cultural das sociedades. Reside sobretudo na qualidade intelectual dos homens e não nos seus baixos salários ou na existência de matérias-primas.

Temos pois de *saber criar em Portugal pólos de qualidade e de excelência tecnológica* e, em íntima e activa interacção com estes últimos, pólos de desenvolvimento cultural.

III) *A falência competitiva do nosso turismo: um exemplo significativo*

Este apelo à qualidade cultural e à excelência tecnológica parece-me de primordial importância num país como Portugal onde frequentemente se julga estar a fazer desenvolvimento e se está na realidade a marcar passo, ou mesmo (e os exemplos abundam) a destruir os patrimónios, as riquezas, os recursos de competitividade e de desenvolvimento existentes no País.

Atente-se só, para exemplificar esta minha tese, sem falar no caso de Sines ou no 25 de Abril, no que tem acontecido no sector de turismo nacional, onde a mesquinhez especulativa e a falta de cultura em termos de autênticos critérios de qualidade têm levado a destruir irremediavelmente aquilo que constituía o próprio produto turístico, a própria substância da competitividade nacional no sector em termos de *marketing*: a beleza das paisagens, as características diferenças culturais e patrimoniais, as especificidades do meio ambiente, o bom gosto e a qualidade de vida.

É tão evidente que a *competitividade turística não se constrói destruindo o património*, a beleza das paisagens, e construindo *bunkers* e barracões de cimento mal pintado num estilo de modernismo pindérico e suburbano, que acho estranho, que alguns dos nossos grandes técnicos escrevam artigos de pretensão científica procurando saber por que é que o nosso turismo não se tornou na fonte de divisas que a qualidade do nosso clima, das nossas paisagens, das nossas cidades, antes de destruídas, facilmente poderia ter proporcionado.

O caso da falência do nosso turismo em termos de competitividade internacional parece-me um exemplo evidente de como a *identificação dos factores de competitividade e de desenvolvimento exige qualidade e categoria cultural* da parte dos responsáveis e dos decisores.

Um dos perigos do apelo simplista à modernização e ao desenvolvimento está na simplicidade e na alienação, e mesmo no oportunismo, com que estes fenómenos são encarados.

Deve ser dito que um comportamento de cópia superficial ou de imitação passiva dos comportamentos e práticas estrangeiras não conduz ao desenvolvimento, mas sim a uma dependência cultural e económica ainda maior.

Os pólos de desenvolvimento cultural e tecnológico de Portugal não poderão ser formados e geridos por meros consumidores de *gadgets* e subprodutos produzidos por sociedades consideradas mais desenvolvidas, mas deverão pelo contrário ser constituídos e dinamizados por autênticos criadores culturais e empreendedores económicos.

IV) *Uma linha de rumo que passa por um reencontro da dimensão universal da nossa História*

Dados os nossos circunstancialismos geográficos e as nossas condições estruturais económicas actuais, um dos veios estratégicos da nossa afirmação no contexto cultural, político, e nos mercados europeus, temos de o ir buscar à nossa História: às nossas relações com os países de expressão portuguesa, ao nosso *relacionamento histórico, cultural e de identidade linguística com uma massa humana que vai da Galiza a Timor*, passando pelo Brasil e pela nossa vocação africana.

É necessário, e digo-vos enquanto jovens, perdermos os complexos psíquicos, os complexos ideológicos, relativamente a esta realidade que nos poderá propiciar um posicionamento estratégico de grande alcance, não só no espaço europeu, mas também ao nível mundial.

Neste sentido, a minha mensagem de português expatriado trabalhando actualmente nas instituições comunitárias é bastante clara, e terminarei deste modo a minha intervenção: pese a descrença e uma certa insegurança psíquica que as frustrações históricas dos últimos séculos forjaram indiscutivelmente na mentalidade do Homem português; dispomos colectivamente de recursos psíquicos extremamente ricos, de uma experiência histórica universalista, de uma sociocultura aberta e compreensiva que poderá ser um dos esteios da nossa afirmação europeia e da nossa participação no movimento de unificação da Europa.

Mas este enraizamento na realidade nacional deverá desenvolver-se aberto às condições e às realidades do mundo actual.

Só seremos actores verdadeiros no processo de construção europeia se soubermos ser criativos e competitivos ao nível mundial.

É pois a Europa, este cabo do continente euro-asiático, que mais uma vez nós portugueses temos historicamente que dobrar... Sobretudo vós os jovens cidadãos do Portugal de hoje e de amanhã para quem a participação no processo de unificação europeia constitui um dos esteios e oportunidades da continuação da afirmação de Portugal no mundo.

Fazendo com *que este país possa tornar-se, outra vez, um pólo cultural importante e activo ao nível internacional.*

José António Sequeira Carvalho

Professor Associado no ISEG
Director-Adjunto do Secretariado Eureka — Bruxelas